



EDUCAÇÃO PATRIMONIAL EM DEBATE: RELATO DE EXPERIÊNCIA DO PROJETO CINE PATRIMONIAL ITINERANTE NA PARAÍBA

Ana Carolina Monteiro Paiva

Universidade Federal de Campina Grande
anacarolina.mont@hotmail.com

Rozeane Albuquerque Lima

Universidade Federal de Pernambuco
rozeanelima@gmail.com

Resumo:

Este artigo é um relato de experiências da segunda fase do projeto de extensão Cine Patrimonial, que ocorreu no Museu de Arte Assis Chateaubriand (MAAC) da Fundação Universidade Regional do Nordeste (FURNE) entre novembro de 2014 e dezembro de 2015. O objetivo principal era aproximar a comunidade do museu promovendo debates sobre cultura e patrimônio. Aportando-nos de conceitos e metodologias usadas na Educação Patrimonial, notadamente em Horta, e de noções de cultura que nos aproximaram de Malinowski e Geertz, realizamos dez sessões do Cine: cinco ocorreram no espaço do próprio Museu, outras cinco, as últimas, foram itinerantes, levando o debate para além dos espaços da cidade de Campina Grande - PB, onde a fase fixa ocorreu. Importa a nós, nesse texto, esta segunda fase. O Cine atingiu um público maior do que se esperava, chegando a ter mais de 80 pessoas em algumas sessões e atingiu os resultados almejados: levar a comunidade para conhecer os museus e trocar ideias sobre patrimônio, cultura e preservação.

Palavras Chave: Cine Patrimonial, Educação Patrimonial, Cultura, Comunidade, Itinerante.

Este artigo se propõe a fazer um relato da segunda fase do Cine Patrimonial, projeto de extensão apoiado pelo Museu de Artes Assis Chateaubriand (MAAC) da Fundação Universidade Regional do Nordeste, que ocorreu no ano de 2015 e teve por objetivo interagir com as comunidades por onde ele passava levando debates sobre patrimônio tendo por eixo norteador as discussões sobre Educação Patrimonial.

Por Educação Patrimonial compreendemos “Um instrumento de “alfabetização cultural” que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido” (HORTA, 1999, s/p).

Neste sentido, ao longo dos cines, os participantes eram estimulados a um diálogo permanente para “facilitar a comunicação e a interação entre as comunidades e os agentes responsáveis pela preservação e estudo dos bens culturais, possibilitando a troca de conhecimentos e a formação de parcerias para a proteção e valorização desses bens” (HORTA, 1999, s/p).



O cine tinha ainda um propósito de levar “ao reforço da autoestima dos indivíduos e comunidades e à valorização da cultural brasileira, compreendida como múltipla e plural” (HORTA, 1999, s/p).

Ao esboçar o projeto do Cine Patrimonial um conceito que foi bastante discutido e que também norteou os nossos trabalhos foi o de cultura. Aportamos-nos nas reflexões de dois autores: o primeiro foi o antropólogo polonês Malinowski, considerado o fundador da Escola Funcionalista da Antropologia. Ele entende a cultura enquanto um todo que só é capaz de ser compreendido a partir do seu funcionamento. Hábitos, crenças, costumes e técnicas são partes que compõem a cultura e os seus elementos culturais só são passíveis de ser compreendidos em um contexto (MALINOWSKI, 1970). Também nos aportamos no conceito de cultura de Geertz, aqui sistematizado por Marília Gomes de Carvalho. Para ela Geertz “define cultura como um conjunto de mecanismos mentais que controlam e orientam o comportamento das pessoas em sociedade. A cultura é constituída de símbolos que dão significado à vida humana” (CARVALHO, 1997).

Uma vez estabelecidos os nossos aportes teóricos, vamos à descrição do projeto. Durante os encontros nas oficinas de Educação Patrimonial, promovidas pelo Museu de Arte Assis Chateaubriand – MAAC/FURNE, dentro do programa de preservação de acervos 2010/2011 do BNDES, algumas discussões fluíram para *a necessidade de deslocamento* de como se discutia sobre a comunidade e a concepção de patrimônio. Compreendendo a Educação Patrimonial como um conjunto de conhecimentos que proporciona a conscientização sobre o que é patrimônio, a aceitação e respeito pela expressão cultural do outro para além de capacitar o indivíduo a ler e compreender o mundo que o rodeia e a trajetória histórica em que está inserido, desenhava-se a elaboração de um projeto com esse intuito.

Eis que nasceu o projeto Cine Patrimonial como uma via, uma maneira de possibilitar esse diálogo entre as várias noções de patrimônio (histórico, cultural, natural, material, imaterial) com a comunidade. O projeto utilizou, na primeira fase, o próprio espaço do Museu de Arte Assis Chateaubriand, em Campina Grande – PB, para articular e aproximar a comunidade, e convidar o público interessado a participar dos debates sobre temáticas regionais e nacionais.

O próprio espaço e história do Museu de Arte Assis Chateaubriand incentivou o teor do projeto. O museu foi inaugurado em 1967 e instalado em um prédio histórico construído em 1924 para abrigar a primeira escola estadual de



Campina Grande: o Grupo Escolar Sólon de Lucena. Sua localização foi transferida para muitos prédios até que em 2007 regressou definitivamente para a primeira instalação, onde continua vigente até os dias de hoje. Fruto da Campanha Nacional dos Museus Regionais, idealizada por Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira, um jornalista e empresário paraibano de destaque no âmbito cultural, o MAAC possui um acervo rico que também conta com doações e promove cursos de música, oficinas para capacitação e eventos artísticos, procurando da melhor forma abranger não apenas a cidade de Campina Grande, mas as regiões vizinhas, além de receber turistas no seu agradável e histórico espaço: um espaço aberto, público e convidativo para diálogo, aprendizado, experiência, socialização e transformação.

Com o projeto pronto e com os contornos e objetivos definidos, era a hora da prática. O planejamento do Cine Patrimonial foi feito semestralmente, pela Professora Mestre e atualmente doutoranda pelo PPGH/UFPE Rozeane Albuquerque Lima (na época ligada a Universidade Estadual da Paraíba), a coordenadora do Setor Educativo do MAAC/FURNE Fabiana Almeida e a graduanda em História Ana Carolina Monteiro (UFCEG). Essa equipe também era a equipe de coordenação do projeto.

Previsto para durar um ano, com edições mensais, os temas escolhidos estavam em sintonia com debates atuais. Uma vez definido o tema, o próximo passo era convidar autoridades no assunto, geralmente duas, pertencentes a diferentes instituições, para compor uma mesa que seria responsável por iniciar e incitar o público às discussões. No Cine, todos tinham espaço: palestrantes de instituições e áreas variadas foram chamados para compor mesas interdisciplinares e interinstitucionais, de forma a enriquecer as discussões oferecendo uma variedade de lugar de fala e perspectivas. Estes convidados também ficaram encarregados por escolher um vídeo de duração média entre 30 a 40 minutos, que poderia ter o formato de reportagem, entrevista, musical, curta-metragem ou documentário, produzido localmente, regionalmente ou nacionalmente sobre o tema em questão. Esse vídeo servia como ferramenta e subsídio para o debate que se seguia.

Após a definição de temas e convidados, partimos para a divulgação. Esta era feita a partir da publicação de um cartaz oficial pelas redes sociais dos parceiros do projeto e colaboradores que podiam variar de acordo com os convidados e edições. Durante a execução do projeto Cine Patrimonial, contamos com o apoio do Instituto Histórico de Campina Grande, Museu de Arte Assis Chateaubriand, do Programa de Educação Tutorial de História – UFCEG, da ONG Maturidade Cidadã, da Universidade



Aberta à Maturidade, da Universidade Estadual da Paraíba, da Secretaria Municipal de Cubati, do Instituto Nacional do Semiárido e da Fundação Universitária de Apoio ao Ensino, Pesquisa e Extensão (FURNE). Para além dos cartazes, também participamos de reportagens e entrevistas realizadas por diferentes emissoras televisivas locais, o que muito contribuiu para a difusão e credibilidade do evento, que manteve as edições com participação de um público médio de 50 pessoas, chegando a 100 participantes em alguns debates.

Além dos convidados para debater na mesa, também houve convite para mediadores. Para esta atividade convidamos alunos ou pesquisadores da área – da graduação que estavam iniciando suas pesquisas, escolhidos de acordo com o tema. Assim, no dia em que ocorria o Cine, primeiramente era exibido o vídeo e depois se iniciavam as colocações dos convidados da mesa. Cada debatedor tinha cerca de 30 minutos para compor sua fala. Posteriormente abria-se o espaço para dúvidas, perguntas e colocações do público. Dependendo da participação eram feitos blocos de três perguntas para os esclarecimentos. Por fim, as atividades do dia eram encerradas com a entrega dos certificados aos presentes e com o *coffee break*, que também permitia uma socialização entre o público e os convidados.

Explicitada a estrutura do projeto, relatemos a prática: O projeto foi dividido em duas etapas: os cinco primeiros cines foram realizados em Campina Grande, no Museu de Arte Assis Chateaubriand, enquanto que para o restante das edições sentimos que era preciso nos deslocar para outros ambientes, para ouvir e potencializar o caráter de transformação do projeto. Assim, os outros cinco cines, a partir do mês de agosto compõem a segunda etapa do projeto, que passa a ser *itinerante*.

Para compreender a essência desta fase do Cine, vamos partir da etimologia da palavra. *I-ti-ne-ran-te*: Do latim, “iter” significa percurso, marcha, viagem, estrada, caminho, passagem, via, meio, maneira. Que ou quem viaja. Diz-se da função que necessita alterações ou deslocamentos constantes de local em local. Que é capaz de transitar; que se consegue locomover. E o primeiro passo deu-se para o Seridó paraibano.

O primeiro itinerante e VI Cine Patrimonial aconteceu no mês de agosto, em Cubati – Paraíba. Com a temática “O envelhecer em várias perspectivas”, a mesa foi formada pelo Professor Doutor Manoel Freire, da Universidade Aberta à Maturidade (UEPB), Professora Glauce Jácome, da ONG Maturidade Cidadã; e como mediador o Professor Mestre Silvano Fidelis, da Secretaria Municipal de Educação de Cubati. Com uma intensa participação de dois grupos locais da terceira idade, o público pôde conversar sobre os dilemas e compartilhar as experiências sobre a longevidade de histórias,

sempre atrelando ao tema em debate as questões relacionadas ao patrimônio.

No mês seguinte, em setembro, o VII Cine “Narrativas, memórias e incorporação cotidiana da diversidade” integrou a programação da 9ª Primavera dos Museus quem tinha por temática: *Museus e memórias indígenas*, sendo o Cine uma das atividades representantes de Campina Grande. O encontro ocorreu no Museu de Arte Assis Chateaubriand – MAAC, e compuseram a mesa os antropólogos José Gabriel S. Corrêa e Mércia Rangel Batista da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais da UFCG. Eles utilizaram como ponto de partida a exibição de um filme para iniciar a conversa sobre diversidade. A mediação ficou por conta da professora Rozeane Albuquerque Lima.



Figura 1. Cartaz de divulgação: Cine Patrimonial, mês de Agosto (2015)



Figura 2. Cartaz de divulgação: Cine Patrimonial, mês de Setembro (2015)

Para o mês de outubro, o VIII Cine trouxe a discussão sobre o Semiárido. O Cine estava inserido na programação da Semana Nacional da Ciência e Tecnologia de 2015 que tinha por tema: *Luz, ciência e vida*. Com a temática “Convivendo com o Semiárido”, os convidados Ana Paula Santos e João Moreira Macêdo, do Instituto Nacional do Semiárido (INSA) foram mediados pelo professor Cristian Costa, do IFAL e realizado na sede da Universidade Aberta à Maturidade (UAMA/UEPB).

Caminhando para as últimas edições, o IX Cine Patrimonial, em novembro de 2015, nos levou ao encontro do ritmo, história e cultura do grupo Maracagrande e o Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI).



Realizado na antiga Faculdade de Administração da Universidade Estadual da Paraíba, o cine “Arte e cultura nos acordes do Maracatu” reuniu as professoras doutoras Margareth Maria de Melo e Patrícia Cristina de A. Araújo, do NEABI/UEPB, e o integrante fundador do Maracagrande Thiago Barbosa; como mediador tivemos o graduando em História pela UEPB e também integrante do Maracagrande, Lenaldo Silva.



Figura 3. Cartaz de divulgação: Cine Patrimonial, mês de Outubro (2015)



Figura 4. Cartaz de divulgação: Cine Patrimonial, mês de Novembro (2015)

Foi na Associação de Agricultores Familiares do Sítio Pai Domingos, em Lagoa Seca – Paraíba, que o X Cine Patrimonial encerrou o ciclo itinerante em dezembro, com o tema “Saberes da terra, sabores da memória: costurando diálogos entre soberania alimentar, agroecologia, recursos hídricos e consumo.” Para iniciar a conversa com o público local, a mesa redonda foi formada por Shirleyde Santos, do NERA/UEPB, doutoranda pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE),



Rozeane Albuquerque Lima, Cristian Costa do Instituto Federal de Alagoas (IFAL), Glauce Jácome da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), e o mestre pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) Fabiano Badú, como mediador.



Figura 5. Cartaz de divulgação: Cine Patrimonial, mês de Dezembro (2015)



Figura 6. Público durante o X Cine, realizado na Associação dos Agricultores, em Lagoa Seca (2015). Fonte: Acervo pessoal da comissão organizadora

Conclusões

Com conversas abertas e sinceras sobre patrimônio, memória, cultura, história e sobretudo sobre as experiências coletivas, a segunda etapa (itinerante) do Cine Patrimonial e o projeto como um todo caminhou para sua conclusão. No entanto, acreditamos que o Cine pode ter atuado como um primeiro momento de reunir pessoas em torno de uma mesma causa, de interesses e de sonhos em comum, funcionando como um impulsionador – *uma via* – de futuras ações educativas que visem o universo do museu, da memória e do patrimônio brasileiro. O projeto Cine Patrimonial no seu fim cumpriu com os objetivos a que se propôs, pois soubemos ouvir as necessidades dentro do Museu de Arte Assis Chateaubriand como também fomos capazes de transitar para ouvir as ânsias locais. Unimos diferentes pessoas, instituições e campos de saber em torno de discussões propostas, sempre tendo por foco o debate sobre patrimônio, sempre tentando colaborar para a construção de um espaço que proporcionasse a visibilidade e dizibilidade dos temas propostos, que proporcionasse a maior interação das comunidades por onde o Cine passou com os espaços dos museus, e que contribuísse com a informação e conhecimento dos e sobre os diversos tipos de patrimônio para, a partir desse passo, ter uma maior consciência da necessidade de preservação deste.



Figura 7. Público durante o VIII Cine, realizado na Universidade Aberta à Maturidade (2015). Fonte: Acervo pessoal da comissão organizadora

Figura 8. Público ao final do IX Cine, realizado no antigo prédio da Universidade Estadual da Paraíba (2015). Fonte: Acervo pessoal da comissão organizadora



REFERÊNCIAS

CARVALHO, Marília Gomes. Antropologia e Culturas Organizacionais. **Revista Educação & Tecnologia**, Curitiba, n. 2, 1997. ISSN 2179-6122. Disponível em: <<http://revistas.utfpr.edu.br/pb/index.php/revedutec-ct/article/viewFile/1025/623>> Acesso em: 18 jun. 2017

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia Básico de Educação Patrimonial**. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 1999.

ITER. Disponível em: <<https://www.dicionariodelatim.com.br/iter/>> Acesso em: 14 Jun. 2017

ITINERANTE. In: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio Século XXI Escolar**. 4. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. P 404.

ITINERANTE. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/itinerante/>> Acesso em: 14 Jun. 2017

MALINOWSKI, B. **Uma teoria científica da cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.